

FENOMENOLOGIA COMTEMPLATIVA E FORÇA DE EROS EM ADÉLIA PRADO: EXEMPLOS PARADIGMÁTICOS EM “A FACA NO PEITO”. Nathalia Botura de Paula Ferreira, Paulo Rennes Marçal Ribeiro. - Ciências Sociais – Departamento de Psicologia da Educação - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara.

*“Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo”:
esta é a lei, não dos homens, mas de Deus.”
(Carlos Drummond de Andrade).*

*“Vem de antes do sol
A luz que em tua pupila me desenha.
Aceito amar-me assim
Refletida no olhar com que me vês.
Ó ventura beijar-te,
espelho que premido não estilhaça
e mais brilha porque chora
e choro de amor radia.”
(Adélia Prado)*

Em Divinópolis, a oeste de Belo Horizonte, banhada pelo rio Itapecerica, nasceu a treze de Dezembro de 1935, uma das mais belas aparições femininas na poesia brasileira e dali nunca mais se afastou. Professora por formação exerceu o magistério durante vinte e quatro anos, somando ao papel de mãe e catequista. Foi como poeta, todavia, que ganhou notoriedade nacional e internacional. Seu nome: Adélia Prado.

O presente trabalho busca analisar o discurso poético desta autora, um dos fenômenos mais importantes da poesia brasileira contemporânea e que tivera Carlos Drummond de Andrade como padrinho no mercado editorial. Elegemos como *corpora* representativos os poemas do livro “A Faca no Peito” (1988), dividido em duas seções: “Por causa da Beleza do Mundo” e “Por causa da Beleza do amor”. Tratamos esses dois componentes como exemplos paradigmáticos dos temas que, expressivamente, percorrem toda sua obra, quais sejam: o espetáculo de Deus e o espetáculo de Eros. Os expedientes poéticos da primeira parte apresentam elementos da fenomenologia contemplativa diante de uma realidade divina e perfeita. Ela escreve em “Manuscritos de Felipa”: “Você da janela contempla, contempla, porque é um não-ver com os olhos, folhas brilhando coroadas de gotas...”. Adélia Prado é, por excelência, a poetisa da observação. O cotidiano alarga-se e alcança poderes epifânicos e místicos.

A partir dessas análises verificamos um diálogo pertinente entre a poética de Adélia Prado e a filosofia que Ludwig Feuerbach (1804-1872) faz acerca da religião. Ambos apreendem a realidade enquanto certeza sensível de aparência fenomênica e visível a olho nu. Em Adélia Prado, essa fenomenologia contemplativa não advém do excêntrico ou do estapafúrdio, mas sim das circunstâncias prosaicas e cotidianas da vida que expressam pequenos milagres. Trata-se de perceber o extraordinário naquilo que não é extraordinário, de render-se à percepção do mundo sensível flagrada em momentos poéticos de sinestésias. Os dois entendem a contemplação místico-religiosa como essência imediata do ser humano, reveladora de suas imagens escondidas.

Feuerbach, em seus trabalhos, preocupa-se em grande parte, com o fenômeno religioso; ele faz parte da tradição dos discípulos de Hegel que se dedicaram a crítica e a compreensão dos fenômenos em torno deste tema. Feuerbach crê no homem enquanto ser de carências que teme sua finitude e suas limitações naturais. Para tanto, o homem sensorial, pleno de sentidos, torna-se um ser rico em determinações que passa a reconhecer no ser divino as qualidades de sua própria essência (que Feuerbach denomina “qualidade essencial do próprio homem”). Cria-se, a partir daí, uma contemplação essencial que o anima, determina e condiciona. Os mistérios dos vários atributos divinos encontram-se, segundo o filósofo alemão, no próprio homem, em sua ontologia. O homem, todavia,

depende da extrapolação desse ser divino como forma de amparo diante do desconsolo. Nesta dimensão subjetiva de crença. Feuerbach trabalha com as faculdades da imaginação, da razão, e da sensibilidade.

A aproximação com Adélia Prado fá-se, portanto, pertinente. Tanto para Adélia como para Feuerbach tudo que é, só é porque ama e o que não é, não é porque não ama. Este movimento de afeto só é possível pela via da contemplação, do *mirandum*. Feuerbach compreendeu que somos e vivemos o corpo e que os olhos são portais caros e preciosos a esse sentir. Adélia em seu esforço teopoético, busca o mesmo fim: um encantamento de olhar e um enorme esforço para criar deuses que gravitem em torno de interjeições. Sua intenção é, como ela mesma admite, escrever algo que quando lido provocasse uma exclamação. No poema abaixo, a poetisa faz uso da idéia de Deus como metáfora poética. Trata-se de uma tentativa de celebração de um vazio prosaico que se quer transcender na natureza de poema:

...Queria inventar o ponto de cruz e o fermento
-pequena humilhação seguir receitas-
borboletinhas, computadores,
fios d'água com peixes,
cabos telegráficos sob o mar.
Descubro que nunca vi
a vera face de Deus.
Há mulheres no meu grupo
que rezam sem alegria
e de cabo a rabo recitam o livro todo,
incluindo imprimatur, edições prefácio,
endereço para comunicar as graças alcançadas.
Eu só quero dizer: Ó Beleza, adoro-Vos!
Treme meu corpo todo ao Vosso olhar.
(PRADO, 1988, p.12)

Tocar a face sensível do homem e de Deus, esta é sua intenção primeira. No discurso poético adeliiano, não se faz necessária à crença no divino para se fazer poesia sobre Deus. A dúvida suscitada - “descubro que nunca vi a vera face de Deus” - é um leve sopro que não tem relevância frente a Beleza de Deus: “Treme meu corpo todo ao Vosso olhar”. A presença simbólica e onipotente de Deus faz recuperar o prazer de viver, ou nas palavras de Paul Valéry: “Que seria de nós sem o auxílio das coisas que não existem”.

Segundo Adélia: “o mundo está certo! Graças a deus dá pra continuar”. O que importa, ao poema, é a coisa como manifestação, não o comentário enunciado sobre a coisa. É Deus que se almeja mostrar e que se quer mirar - o poder da criação estética promove essa mostra. Tal expressão da divindade perpassa os sentidos e dá sentido ao homem. Perguntada sobre a importância da religião, a autora mineira responde: “Dá sentido a minha vida, costura minha experiência, me dá horizonte”. Sua poesia é, portanto o terreno do sagrado e sua religião é o terreno da poesia. Essa característica é admitida pela própria escritora em entrevista dada ao Estado de São Paulo em 22 de maio de 1999. “Eu entendo a poesia como um oráculo, a fala de uma divindade. Como posso dissociar essas duas coisas?”.

Adélia, entretanto, não faz da poesia religiosa um fazer fácil ou catequético. Para ela, a arte da palavra é, de fato, território sacro que independe das inclinações ou crenças daquele que escreve. “Tudo é Bíblias”, para esta mineira que escreve a partir do maravilhamento do cotidiano, da ordem do mundo e da força de Eros, temas centrais de sua escrita. Esse prazer pelo esplêndido da vida não se limita ao universo de encantos e injeções da alma, mas também visita o corpo. A autora possibilita estreitamentos entre o erótico e o divino, entre carne e espírito em uma relação de completude que foge ao antagonismo proposto pelo dogma cristão. Para Adélia, a carne é também guardiã dos deleites da alma.

Encontramos em sua obra a pulsão da força de Eros na forma de amor místico parodiado em amor físico. A expressividade lírica de Adélia Prado encontrar-se envolta em um universo erótico feminino que permeia sua obra como manifestação religiosa. O sexo recebe uma conotação de impulso preservador da vida que se associa a uma visão dadivosa da natureza, das raízes interioranas e

familiares, das experiências mais banais e cotidianas do amor, da poesia, do divino. O gozo carnal feminino e o êxtase espiritual são fenômenos de naturezas próximas. Espiritualidade e materialidade, sagrado e profano, religioso e erótico fundem-se nas experiências poéticas de Adélia. Todos esses elementos podem ser verificados na primeira parte de “A Faca no Peito” intitulada “Por causa da Beleza do Amor”.

Nesta seção, a autora escreve a Jonathan, uma figura de semideus, de Jesus humanizado que habita toda sua obra e a quem o eu-lírico adeliiano revela seu sentimento mais revolucionário: o amor.

Ele, Jonathan, e eu,
faca,doçura e gozo,
dor que não deserta em mim.
(PRADO, 1988, p.82)

Tomai cuidado, vossas fantasias se cumprem.
Imagino que peço a Jonathan:
Me deixa ferir teu lábio para provar-me que existes.
Devemos considerar o juízo oculto de Deus,
luz apenas pressentida entre calafrios e névoa.
Jonathan que amo é divino,
acho que é humano também.
Um dia vai tomar minha cabeça com insuspeitada doçura.
Então,
Eu te amo, Deus,
Contra mim mesma é o que direi,
te amo.
(PRADO, 1988, p.75).

Pela força de Eros o corpo vira altar poético. A epifania encontra no corpo seu verdadeiro lugar de revelação ou, como diriam os teólogos: *locus revelationis*. A este êxtase do corpo Adélia dá por vezes um nome divino, o nome de Deus. Nas palavras da autora: “entre as pernas geramos e sobre isso se falará até o fim sem que muitos entendam: erótico é a alma”. Sem dúvidas, Adélia Prado representa uma artista da palavra que escapa dos binarismos comuns, das antíteses prontas. É alguém que liga espetacularmente céu e terra, corpo e alma, sem os aprisionamentos da linguagem, dizendo apenas “estou aqui e escrevo”.

Referências Bibliográficas

- FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Campinas: Papirus, 1998.
FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Campinas: Papirus, 1989.
LABICA, Georges. **As Teses sobre Feuerbach de Karl Marx**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
OLIVERI, Rita de Cássia da Silva, **Mística e erotismo na poesia de Adélia Prado**. 1994. Tese (Doutorado em Estudos Literários)- USP, São Paulo, 1994.
PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
PRADO, Adélia. **A Faca no peito**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. 7.ed. São Paulo: Siciliano, 1997.
PRADO, Adélia. **Manuscritos de Felipa**. São Paulo: Siciliano, 1999.
SOARES, A.M.S. **Vozes femininas da liberação do erotismo**. São Paulo: Vila Atlântica, 2000. 4 v. (Momentos selecionados na poesia brasileira).

Bolsa: Proex